

# Carisma: poder, autoridade e devoção no Oriente Médio e Norte da África<sup>1</sup>

Charisma: power, authority, and devotion in the Middle East and North Africa

**Gisele Fonseca Chagas**

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

**Liza Dumovich**

Katholieke Universiteit Leuven (KU Leuven), Leuven, Belgique

## RESUMO

Desde a publicação do trabalho fundante de Max Weber sobre a conceitualização do carisma, o conceito tem sido objeto de uma vasta gama de interpretações, muitas vezes marcadas por contradições. Reconhecendo a natureza fragmentária do modelo teórico proposto por Weber, este dossiê examina o conceito de carisma a partir de uma perspectiva antropológica e visa explorar as diversas formas e manifestações através das quais o carisma é criado e legitimado. Etnografias realizadas em contextos religiosos no Oriente Médio e Norte de África lançaram luz sobre as várias configurações de comunidades, movimentos e relações carismáticas que produzem múltiplas formas de expressão emocional e de experiência religiosa. Com o objetivo de contribuir para o debate antropológico sobre a aplicabilidade do conceito de Weber a diferentes formas de carisma, este dossiê apresenta cinco relatos etnográficos a partir de trabalhos de campo na Turquia, Marrocos, Líbano e Iraque. Estes estudos exploram os processos pelos quais carisma é construído, mantido e transmitido em diferentes contextos religiosos, políticos e institucionais. Ao integrar a teoria weberiana com perspectivas etnográficas, este dossiê procura avançar a nossa compreensão do carisma como um fenômeno dinâmico, relacional e culturalmente enraizado. As contribuições que seguem aprofundam a nossa compreensão das diversas formas de engajamento religioso e político, de pertencimento e de ligação emocional a um líder religioso, comunidade ou movimento, promovendo um diálogo produtivo entre diferentes perspectivas analíticas e contextos etnográficos.

**Palavras-chave:** Max Weber, Carisma, Etnografia, Oriente Médio e Norte da África.

<sup>1</sup> Este trabalho conta com o apoio das bolsas de Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e de Produtividade em Pesquisa 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Funded by  
the European Union



**ABSTRACT**

Since the publication of Max Weber's foundational work on the conceptualization of charisma, the concept has been subject to a wide range of interpretations, often marked by contradictions. Acknowledging the fragmentary nature of Weber's framework, this special issue examines the concept of charisma from an anthropological perspective, engaging with Weber's theoretical model to explore the diverse forms and manifestations through which charisma is created and legitimized. Ethnographies conducted in religious contexts across the Middle East and North Africa have shed light on the various configurations of charismatic communities, movements, and relations, which produce multiple forms of emotional expression and religious experience. In order to contribute to the anthropological debate on the applicability of Weber's concept to different forms of charisma in distinct social and religious contexts, this collection features five ethnographic accounts from Turkey, Morocco, Lebanon, and Iraq. These studies explore the processes through which charisma is constructed, maintained, and transmitted across different religious, political, and institutional contexts. By integrating Weberian theory with ethnographic perspectives, this issue seeks to advance our understanding of charisma as a dynamic, relational, and culturally embedded phenomenon. The contributions to this issue deepen our insight into diverse forms of religious and political commitment, belonging, and emotional attachment to a religious leader, community, or movement, fostering a productive dialogue between different analytical perspectives and ethnographic contexts.

**Keywords:** Max Weber, Charisma, Ethnography, Middle East and North Africa.

Este dossiê aborda o conceito de carisma a partir de uma perspectiva antropológica. Ele é o desdobramento de um painel organizado em 2023 pelo Núcleo de Estudos do Médio Oriente da Universidade Federal Fluminense (NEOM/UFF) na reunião da Comissão de Antropologia do Médio Oriente da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES) em 2023, onde pesquisadores abordaram o tema do carisma religioso no Oriente Médio e Norte de África e suas diásporas.

Desde a publicação do trabalho fundante de Max Weber (1922) sobre a conceitualização de carisma, este tem sido objeto de um vasto leque de interpretações, muitas vezes marcadas por contradições. Na antropologia, tem-se debatido a sua aplicabilidade a todas as formas de carisma e em contextos sociais e religiosos específicos (Riesebrodt, 1999). Alguns estudiosos endossaram a perspectiva de Weber (Lindholm, 1990; 2013; Chagas, 2013; Pinto, 2013; 2016; Tee, 2019), enquanto outros a criticaram (Bourdieu, 1987; Werbner; Basu, 1998). Riesebrodt (1999) argumentou que as interpretações contraditórias do conceito de Weber decorrem das inconsistências presentes nas próprias formulações do autor sobre carisma e autoridade

carismática, as quais diferem em contexto, escopo e níveis de abstração.

Na sua sociologia política, Weber baseou-se no trabalho de Rudolf Sohm (1892) sobre o direito eclesiástico, que define o carisma como um dom pessoal que cria uma autoridade baseada na inspiração divina. Weber definiu o tipo ideal de autoridade carismática como

[...] uma certa qualidade de uma personalidade individual em virtude da qual é considerada extraordinária e tratada como dotada de poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, especificamente excepcionais. Trata-se de uma autoridade que não é acessível ao cidadão comum, mas que é considerada de origem divina ou exemplar e, com base nela, o indivíduo em causa é tratado como um “líder” (Weber, 1968, p. 241-242).

Na formulação de Weber sobre os três tipos puros de dominação legítima, a autoridade racional-legal baseia-se na crença na legalidade das normas estabelecidas, enquanto a autoridade tradicional está fundamentada em crenças enraizadas em tradições e costumes. Em contraste, a autoridade carismática “é fortemente oposta à autoridade racional, particularmente burocrática, e à autoridade tradicional, seja em suas variantes patriarcais, patrimoniais ou de classe, todas consideradas formas cotidianas de dominação; enquanto o tipo carismático é a antítese direta disso” (Weber, 1968, p. 244). De acordo com a tipologia de Weber, a autoridade carismática é um tipo específico de relação social estruturada que atua como uma força anti-tradicionalista, anti-racional e até mesmo revolucionária, capaz de desestabilizar normas estabelecidas e sistemas tradicionais de autoridade (Riesebrodt, 1999; Breuer, 2019).

Diferentemente, na sua sociologia da religião, Weber desenvolveu uma conceitualização mais ampla do carisma, apoiando-se no debate antropológico sobre as tradições religiosas e mágicas. Ele escreve:

[...] nem todas as pedras podem servir de fetiche, de fonte de poder mágico. Nem todas as pessoas têm a capacidade de atingir os estados extáticos que são vistos, de acordo com a experiência primitiva, como as condições prévias para produzir certos efeitos na meteorologia, na cura, na adivinhação e na telepatia. São principalmente, embora não exclusivamente, estes poderes extraordinários que têm sido designados por termos especiais como “mana”, “orenda” e o iraniano “maga” (o termo do qual deriva a nossa palavra “magia”). A partir de agora, empregaremos o termo “carisma” para esses poderes extraordinários. (Weber, 1968, p. 400).

Este conceito mais geral de carisma estende-se para além da autoridade pessoal ou da liderança, incluindo poderes despersonalizados que se acredita residirem em objetos, rituais ou forças mágicas. É melhor entendido como um fenômeno reconhecido como extraordinário e, por isso, dotado de um estatuto especial (Miyahara, 1983). É importante notar que nem todos os tipos de carisma podem ser usados para estabelecer autoridade e tornar-se anti-tradicionalista ou

revolucionário. Ele pode mesmo funcionar dentro das tradições existentes ou mesmo reforçá-las. Além disso, os objectos carismáticos geralmente não exercem autoridade ou reúnem seguidores (Riesebrodt, 1999).

Partindo desse entendimento, Weber continua:

O carisma pode ser de dois tipos. Quando esta denominação é plenamente merecida, o carisma é um dom que reside num objeto ou numa pessoa simplesmente em virtude de um dom natural. Esse carisma primário não pode ser adquirido por nenhum meio. Mas o carisma do outro tipo pode ser produzido artificialmente num objeto ou pessoa através de alguns meios extraordinários. Mesmo assim, supõe-se que os poderes carismáticos só podem ser desenvolvidos em pessoas ou objectos em que o germe já existia, mas que teria permanecido adormecido a menos que fosse evocado por algum regime ascético ou outro. (Weber, 1968, p. 400).

Por conseguinte, ao contrário da autoridade carismática, a noção de carisma tal como conceitualizada por Weber não é intrinsecamente ligada à liderança ou ao poder institucional, mas abrange uma gama mais vasta de fenômenos extraordinários. É justamente a ênfase num “poder carismático” pré-existente em pessoas ou objectos que levou Pierre Bourdieu (1987) a rejeitar a conceitualização weberiana de carisma. Bourdieu (1987), como outros que comentaram o trabalho de Weber sobre carisma (por exemplo, Werbner e Basu, 1998 e Breuer, 2019), critica Weber por caracterizar o carisma como uma qualidade esotérica e por superestimar a personalidade carismática. Em vez disso, Bourdieu sugere que a investigação sociológica deve concentrar-se nas atividades, valores e crenças endossadas pelo líder carismático.

Assim como Bourdieu, Mary Douglas (1996) sugere que a abordagem de Weber psicologiza excessivamente o que deveria ser entendido a partir das estruturas e práticas sociais compartilhadas. A autora defende que a noção de carisma weberiana carece de uma consideração de fatores estruturais de nível macro, tais como os contextos sociais, políticos, econômicos e materiais. O foco restrito da análise, sugere Douglas, resulta numa abordagem psicossociológica que reduz fenômenos complexos a atributos psicológicos individuais, em vez de os situar em estruturas sociais mais amplas. Um novo enfoque da investigação sobre a legitimação gerada socialmente revelaria as razões pelas quais os indivíduos seguem um líder carismático. Também explicaria porque uma determinada mensagem exerce apelo sobre uma comunidade específica e parece irrelevante para outra (Hutt, 2007).

Alternativamente, algumas pesquisas têm enfatizado a natureza relacional (Lindholm, 1993; Pinto, 2016) e a adaptabilidade do conceito de carisma de Weber aos contextos contemporâneos (Chagas, 2013; Tee, 2019). Charles Lindholm (1993) propôs um modelo teórico que engloba a relação carismática como um fenômeno enraizado em conexões emocionais

profundas, as quais servem de base à ação humana e às dinâmicas sociais. Segundo ele, os sentimentos de êxtase e perda de identidade que os seguidores experimentam em relação ao seu líder carismático são paralelos à idealização do amor romântico.

Caroline Tee (2019) sublinhou que o carisma não é uma qualidade inata, mas uma interação dinâmica entre um líder e os seus seguidores, dependente do apoio contínuo dos últimos, um princípio que permanece válido mesmo no domínio virtual, onde as interações são mediadas através de plataformas digitais. Tee explorou a forma como o carisma pode ser materializado e sustentado através de símbolos físicos e espaços associados ao líder. O seu trabalho enriqueceu a proposta conceitual de Weber, demonstrando os mecanismos através dos quais a autoridade carismática persiste e se adapta às paisagens culturais e sociais em mudança, oferecendo uma visão da sua resiliência e seu potencial transformador.

No que diz respeito à pesquisa etnográfica sobre o tema num contexto do Oriente Médio, Paulo Gabriel Pinto (2016) baseou-se em Weber, integrando o carisma centrado na personalidade (*baraka*) e o carisma relacional (rituais corporificados, práticas comunitárias e experiências individuais) na sua análise de um ritual coletivo sufi numa *zawiya* (centro ritual) na Síria. Ele mostrou que o carisma não é apenas um fenômeno sociológico, mas é também experiencial e corpóreo, enraizado nas práticas físicas e nas interações sensoriais dos indivíduos. Pinto expandiu o conceito weberiano ao criar um enquadramento mais matizado, experiencial e ritualista, relevante para a compreensão do poder e da autoridade religiosa no sufismo sírio e além. Ademais, o autor salientou o duplo potencial do carisma para não apenas reforçar mas também destruir as hierarquias religiosas.

Ainda no contexto sírio, Gisele Chagas (2013) abordou o carisma a partir de uma perspectiva de gênero através de sua etnografia com um ramo feminino de uma ordem sufi damascena organizada em torno de Shaykh Ahmed Kuftaru (m. 2004), que foi um *shaykh* (líder religioso) sufi e Grande Mufti da Síria durante 40 anos (1964-2004). A sua análise centrou-se na estrutura carismática e burocrática que organiza esta ordem sufi em geral, e uma *halaqa* (círculo religioso) feminina em particular, com a qual realizou trabalho de campo. Com base no modelo teórico de Weber, o estudo mostrou que a estrutura carismática e a estabilidade da *halaqa* são sustentadas pelo vínculo emocional que conecta as discípulas à líder espiritual e à *halaqa* como um todo. O amor e a dedicação à líder carismática feminina eram percebidos como compromissos pessoais e espirituais.

Ao invés de sugerir que essas perspectivas variadas resultam principalmente de interpretações equivocadas do trabalho de Weber (Lash; Whimster, 1987; Breuer, 2019) ou de inconsistências inerentes ao seu próprio quadro conceitual (Riesebrodt, 1999), os artigos que

compõem este dossiê reconhecem a relevância de seu modelo teórico para identificar diferentes formas e manifestações de carisma e para compreender os processos pelos quais ele é criado e endossado. Cientes dos aspectos fragmentários da teoria do carisma de Weber (Tee, 2019), essa coleção contribui para o debate corrente ao apresentar cinco análises etnográficas que examinam as diversas formas pelas quais o carisma é construído, mantido e transmitido em diferentes contextos nacionais e religiosos no Médio Oriente e Norte de África.

No artigo de abertura, Markus Dressler investiga o conceito de carisma nas tradições islâmicas, enfatizando sua relevância na construção de discursos de ortodoxia no Islã. Dialogando com o conceito de Islã como uma “tradição discursiva”, formulado por Talal Asad, e as críticas apresentadas por Shahab Ahmed e Zeynep Oktay ao modelo asadiano, Dressler defende a ampliação das fontes de normatividade islâmica para além do Alcorão e dos Hadiths. A análise destaca a importância do carisma, particularmente na tradição Alevi, onde ele se manifesta na sacralidade de indivíduos, objetos e práticas. Esses elementos refletem expressões corporificadas e materiais do sagrado que desafiam os paradigmas centrados nas escrituras. O artigo examina ainda a noção de revelação contínua, ressaltando suas raízes nos discursos sufis e xiitas, onde a interação divina é vista como constante e não restrita à revelação textual. Ao situar o Alevismo em um contexto genealógico e antropológico, Dressler critica a marginalização das tradições carismáticas nos estudos do Islã e defende o reconhecimento do carisma como um pilar nos discursos islâmicos, contribuindo, assim, para uma compreensão mais inclusiva das estruturas normativas e práticas espirituais dessa tradição religiosa.

O segundo artigo desloca o foco do Islã para o Cristianismo. Rodrigo Ayupe Bueno da Cruz explora o conceito de carisma através da análise da vida e devoção a Bshara Abou Mourad, um monge salvatoriano cujo processo de canonização em curso sublinha o seu papel na formação da comunidade greco-católica no Líbano. Baseando-se na definição clássica de Max Weber e nas subsequentes expansões antropológicas, o estudo realça a forma como o carisma opera nas dimensões pessoal e material, manifestando-se em espaços sagrados, rituais e objetos associados a Abou Mourad. O artigo introduz o conceito de “arenas de carisma” para descrever os contextos espaciais e sociais onde a influência espiritual do monge é mobilizada. O autor demonstra etnograficamente como o carisma não se limita aos traços extraordinários de uma pessoa, mas se estende à cultura material, à memória comunitária e às práticas devocionais que transcendem as fronteiras locais para moldar a identidade coletiva. Ao combinar o conceito weberiano e enquadramentos pós-weberianos, o estudo ilustra a forma como o carisma de Abou Mourad serve tanto como marcador de distinção religiosa quanto como fonte de coesão para a comunidade greco-católica em meio à dinâmica sectária do Líbano. A análise contribui

para uma compreensão matizada do carisma como uma força dinâmica que liga as dimensões individual, comunitária e política.

O artigo de Bruno Ferraz Bartel examina a interação entre autoridade, legitimidade e carisma no contexto do sufismo marroquino, centrando-se na reorganização do centro ritual da irmandade Hamdouchiya em Safi. O estudo aborda a forma como a liderança numa *zawiya* (centro ritual) é moldada não só pelas hierarquias tradicionais, mas também pelo carisma institucional. Igualmente, destaca os esforços de três indivíduos-chave para revitalizar as práticas devocionais, misturando a autoridade tradicional com uma reinterpretação moderna das normas rituais e éticas. A pesquisa expande o conceito weberiano de carisma, demonstrando como o carisma sufi opera dentro de estruturas institucionais, enfatizando performances coletivas, laços afetivos e agência localizada. Esta hibridização da dominação tradicional e carismática sublinha a adaptabilidade do sufismo marroquino ao navegar tanto na continuidade histórica como nos desafios contemporâneos. Antropologicamente, o artigo contribui para a compreensão do carisma como uma força dinâmica que integra a prática ética, o desempenho ritual e a inovação institucional. Embora o foco permaneça no domínio religioso, o estudo reconhece as dimensões sociopolíticas da autoridade dentro do contexto organizacional e cultural da *zawiya*.

O artigo seguinte investiga a autoridade carismática do Ayatollah Sistani no Iraque pós-2003, oferecendo uma perspectiva inovadora através do conceito de “ligação afetiva”. Com base em entrevistas realizadas com seguidores de Sistani, o artigo realça as dimensões emocionais e cognitivas do carisma, tal como são percebidas pelos seus seguidores. O estudo de Ali Alsayegh examina a liderança de Sistani como enraizada em três percepções inter-relacionadas: legitimidade, esperança política e autenticidade. Esses fatores combinam-se para formar uma confiança absoluta que permite a Sistani mobilizar os seus seguidores em resposta a eventos importantes como eleições, protestos e a sua *fatwa* da jihad de 2014 contra o ISIS. O trabalho contribui para a compreensão antropológica do carisma ao demonstrar como a autoridade de Sistani opera na interseção entre o conceito weberiano e as práticas culturais e religiosas nas comunidades xiitas. Ele sublinha a interação dinâmica entre as percepções dos seguidores e as condições sociopolíticas, enriquecendo as discussões sobre a forma como a autoridade carismática se adapta e flutua em contextos variáveis de agitação política e social. O artigo aborda a autoridade carismática principalmente como carisma religioso inserido no quadro teológico e cultural xiita, em que Sistani é visto como um líder espiritual e representante da autoridade divina. No entanto, a autoridade carismática também se estende ao carisma político, uma vez que a influência de Sistani na mobilização política e nas crises nacionais é um tema central. Assim, o carisma do Ayatollah atravessa as duas dimensões, com uma base mais forte

no carisma religioso, mas com implicações significativas para a autoridade política.

No artigo final, Montassir Sakhi analisa a formação do carisma político-religioso no Iraque pós-Baathista, focando nas transformações que ocorreram após a Guerra do Golfo em 1991 e nas intervenções subsequentes dos Estados Unidos. O autor rastreia a evolução desde o carisma nacionalista personificado por Saddam Hussein até as lutas fragmentadas por carisma religioso que surgiram no contexto do sectarismo, da guerra e da agressão colonial. A análise destaca como a noção de “racionalização” de Weber ajuda a explicar a transição da liderança carismática nacionalista para a liderança religiosa baseada em divisões sectárias. No entanto, também desafia o modelo de Weber ao argumentar que a persistência da violência e instabilidade no Iraque contraria a racionalização típica do carisma observada nos sistemas políticos modernos. O artigo integra as percepções de Weber com uma crítica pós-colonial, lançando luz sobre as interseções entre carisma, religião e construção estatal em uma sociedade fragmentada. Ele contribui para as discussões antropológicas sobre o conceito de carisma, principalmente, ao fornecer uma reavaliação crítica da teoria de Weber e sua aplicabilidade em sociedades não ocidentais.

As contribuições reunidas nesta edição ilustram diversas configurações de comunidades, movimentos e relações carismáticas e as diferentes maneiras pelas quais elas produzem uma gama de manifestações políticas contemporâneas e experiências religiosas na vida cotidiana em contextos do Oriente Médio e Norte da África. As análises ressaltam o valor do conceito de carisma como uma ferramenta poderosa para a investigação antropológica e o potencial da perspectiva etnográfica para compreender as nuances do carisma como uma realidade vivida.

## REFERÊNCIAS

1. BOURDIEU, Pierre. Legitimation and structured interests in Weber's sociology of religion. *In: LASH, Scott; WHIMSTER, Sam (ed.). Max Weber: Rationality and Modernity.* London: Allen and Unwin, 1987. p. 119-136.
2. BREUER, Stefan, The Relevance of Weber's Conception and Typology of Herrschaft'. *In: HANKE, Edith; SCAFF, Lawrence; WHIMSTER, Sam (ed.). The Oxford Handbook of Max Weber.* Oxford: Oxford University Press, 2019.
3. CHAGAS, Gisele Fonseca. Female Sufis in Syria: Charismatic Authority and Bureaucratic Structure. *In: LINDHOLM, Charles (ed.). The Anthropology of Religious Charisma.* New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 81-100. (Contemporary Anthropology of Religion).

4. DOUGLAS, Mary. **Natural Symbols**. New York: Routledge, 1996.
5. EISENSTADT, Shmuel. Introduction. *In*: WEBER, Max. **On Charisma and Institution Building. Selected writings**. Chicago: University of Chicago Press, 1968. p. xix-lvi.
6. HUTT, Curtis. Pierre Bourdieu on the Verstehende Soziologie of Max Weber. **Method & Theory in the Study of Religion**, [s. l.], v. 19, n. 3-4, p. 232-254, 2007.
7. LINDHOLM, Charles. **Charisma**. Oxford: Blackwell, 1993.
8. LINDHOLM, Charles. **The Anthropology of Religious Charisma**. Contemporary Anthropology of Religion. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
9. MIYAHARA, Kojiro. Charisma: From Weber to Contemporary Sociology. **Sociological Inquiry**, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 368-388, 1983.
10. PINTO, Paulo. Knowledge and Miracles: Modes of Charisma in Syrian Sufism. *In*: LINDHOLM, Charles (ed.). **The Anthropology of Religious Charisma**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 59-77. (Contemporary Anthropology of Religion).
11. PINTO, Paulo. Mystical bodies/unruly bodies: Experience, empowerment and subjectification in Syrian Sufism. **Social Compass**, [s. l.], v. 63, n. 2, p. 197-212, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0037768616628791>. Acesso em: 12 dez. 2024.
12. RIESEBRODT, Martin. Charisma in Max Weber's Sociology of Religion. **Religion**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 1-14, 1999.
13. SHILS, Edward. Charisma, Order, and Status. **American Sociological Review**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 199-213, 1965.
14. TEE, Caroline. Creating charisma online: the role of digital presence in the formation of religious identity. **Journal of Contemporary Religion**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 75-96, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13537903.2019.1585104>. Acesso em: 12 dez. 2024.
15. WEBER, Max. **Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology**. Oakland: University of California Press, 1968. [1922].
16. WERBNER, Pnina; BASU, Helene. The embodiment of charisma. *In*: WERBNER, Pnina; BASU, Helene (ed.). **Embodying Charisma: modernity, locality and the performance of emotion in Sufi cults**. New York: Routledge, 1998. p. 3-27.

*Gisele Fonseca Chagas*

Professora no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Vice-coordenadora do Núcleo de Estudos do Oriente Médio. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3798-8721>. Colaboração: Seleção e organização dos artigos, Redação e revisão da apresentação.

E-mail: giselechagas@id.uff.br

*Liza Dumovich*

Bolsista de pós-doutorado da Marie Skłodowska-Curie Action no Departamento de Antropologia Social e Cultural da KU Leuven. Coeditora da Revista Diáspora - Oriente Médio & Norte da África. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9804-7234>. Colaboração: Seleção e organização dos artigos, Redação e revisão da apresentação. E-mail: liza.dumovich@kuleuven.be